

DISTRITO FEDERAL - CORRUPÇÃO

ROMBO
DA ASEFE

Ex-diretor da Associação dos Servidores da Fundação Educacional (Asefe) revela em fita de vídeo que recursos da entidade, afundada em dívidas de quase R\$ 20 milhões, foram desviados e parte foi usada em campanhas eleitorais de candidatos do PT, PPS, PCB e PCdoB em 1998

O caixa dois
da esquerda

Antonio Vital e Paola Lima
Da equipe do *Correio*

Quatro partidos da esquerda brasileira que integraram o governo Cristovam Buarque (1995-1998) são assombrados, há um mês, por um fantasma do passado. Representantes do PT, PPS, PCB e PCdoB estão no centro de uma intriga que envolve um rombo financeiro de quase R\$ 20 milhões, denúncias de desvio de dinheiro para a campanha eleitoral de 1998, trocas de acusações e até ameaças de morte.

Os quatro partidos dividem, há seis anos, o controle da Associação Assistencial dos Servidores da Fundação Educacional (Asefe), uma entidade que lida com números de vários dígitos. São cerca de 30 mil associados, entre professores e funcionários administrativos das escolas públicas do Distrito Federal, ativos e inativos. Todos os meses, eles depositam nos cofres da associação quase R\$ 5 milhões, dinheiro descontado automaticamente em seus contra-cheques e que seria utilizado no pagamento de serviços de plano de saúde, empréstimos e outros benefícios.

Seria. Os 120 mil beneficiários — os associados e suas famílias — deixaram de ser atendidos em clínicas, laboratórios e estabelecimentos comerciais conveniados à Asefe devido ao atraso no pagamento dos serviços. Os descontos têm servido apenas para rolar as dívidas da associação, quatro vezes maiores que sua arrecadação mensal. Uma fita de vídeo obtida pelo *Correio* lança luz sobre as origens de parte desse prejuízo.

A gravação mostra um diálogo entre o ex-diretor financeiro da Asefe, Firmino Pereira do Nascimento Neto (filiado ao PPS), e o ex-diretor do Sindicato dos Professores, Marcos Pato (filiado ao PT).

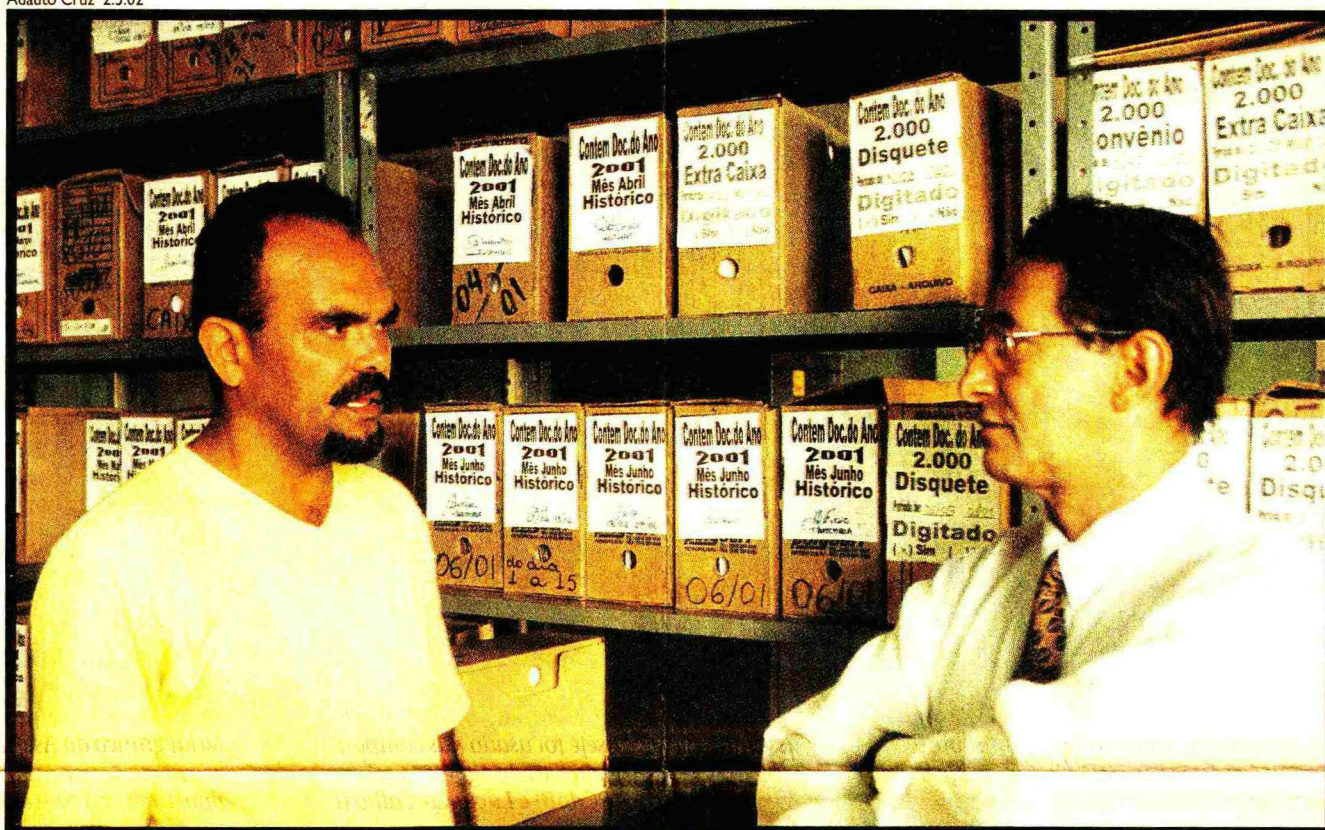
Na conversa, Firmino disse que recursos da Asefe foram empregados irregularmente nas campanhas eleitorais dos deputados distritais Wasny de Roure e Lúcia Carvalho (PT), do deputado federal Agnelo Queiroz (PCdoB), do ex-governador Cristovam Buarque e de quatro candidatos derrotados nas últimas eleições. Três deles são Chico Vigilante (PT), que tentou se reeleger deputado federal, Trajano Jardim (PCB) e José Eudes (PT) — candidatos a distritais.

O quarto beneficiado foi ele mesmo, Firmino, que confessou ter usado R\$ 75 mil para tentar uma vaga na Câmara Legislativa em 1998.

TROCA DE ACUSAÇÕES

Nas semanas anteriores à gravação, feita em meados de março, Firmino tinha sido acusado publicamente pelo atual diretor financeiro, Jorge

Adauto Cruz 2.5.02



JORGE E OMAR, ATUAIS DIRETORES DA ASEFE, PEDIRAM AO EX-SINDICALISTA MARCOS PATO PARA GRAVAR A CONVERSA COM FIRMINO



CHEQUE DESVIADO

Firmino obteve 5.708 votos para deputado distrital em 1998 e é suplente de Alirio Neto. Desde 1999 ele é acusado de desvio de dinheiro da Asefe. O *Correio* obteve cópia de um cheque de R\$ 4 mil (ao lado), depositado na conta da namorada dele, Maria Aurení de Souza, em 1999. O cheque foi oferecido como caução à Asefe pelo Senalba. Firmino, ouvido pelo *Correio*, não conseguiu explicar o depósito. Na época, a conta do Senalba estava encerrada.

Eduardo Rodrigues de Miranda (do PT), de irregularidades.

Jorge e Omar denunciaram corrupção na Asefe à polícia e ao Ministério Público. O caso virou um inquérito policial instaurado na 1ª DP (Asa Sul). Eles acusam a diretoria anterior — à qual pertencia Firmino — de desvio de dinheiro e irregularidades. Na semana passada, Jorge descobriu dentro da Asefe a existência de um esquema de fraude no pagamento de INSS, que pode chegar a R\$ 1 milhão. O caso está sendo investigado pela Polícia Federal.

Jorge e o atual secretário-geral da Asefe, Omar dos Santos (filiado ao PCB), são aliados políticos de Pato e romperam com o atual presidente da associação, José Eudes, a quem acusam de participação nos esquemas de desvio promovidos pela diretoria anterior. A pedido de Jorge

e Omar, Pato convidou Firmino para uma conversa em sua casa, em Taguatinga, escondeu a câmera na cozinha, direcionou-a para o sofá da sala e deixou-a ligada, na esperança de arrancar do convidado revelações a respeito do rombo de R\$ 20 milhões. Conseguiu.

A conversa de Firmino e Pato durou duas horas. Nesse período, Firmino não se esquivou de responder às perguntas. Ele mostrava-se irritado com as acusações feitas por Jorge, seu sucessor no caixa da Asefe. Mas jogou a responsabilidade pelo grosso das irregularidades sobre os ombros do ex-presidente da associação, Sérgio Rubens Ribeiro, e do ex-diretor administrativo, Klécio Oliveira (os dois do PCB). Ao mesmo tempo, Firmino exibiu segurança e garantia que a diretoria atual não tinha como provar qualquer desvio

de dinheiro. "Pato, aquele povo que está lá não descobre porra nenhuma", disse.

Pato soube explorar essa certeza e usou um estratagemma: disse que, entre os professores, servidores e associados, a voz corrente era de que o único culpado era ele, Firmino. Foi o suficiente para o ex-diretor financeiro desfiar um rol de pessoas que, segundo ele, usaram irregularmente dinheiro da Asefe (leia trechos da gravação abaixo).

SÓ INDÍCIOS

Firmino não apresenta provas do que diz, mas algumas de suas informações conferem com documentos e depoimentos obtidos pelo *Correio*. Além disso, dois ex-diretores da Asefe admitem que recursos da entidade foram usados para financiar

campanhas eleitorais de políticos de esquerda em 1998. Um desses depoimentos é de Klécio Oliveira, ex-diretor administrativo acusado de irregularidades por Firmino. O outro é Ozias Vieira da Silva, que rompeu com a diretoria anterior ao denunciar irregularidades em 1998.

Confrontados com as incondições registradas na gravação, Firmino e as demais pessoas mencionadas por ele dão explicações conflitantes. Todos negam as irregularidades detalhadas por Firmino na fita — inclusive ele, que disse, ao *Correio* ter mentido o tempo todo por saber que estava sendo gravado. Ele só não conseguiu explicar por que, sabendo que a conversa seria registrada, confessou a apropriação do dinheiro.

Firmino, na conversa com Pato, descreve vários ralos por onde saíam os recursos da Asefe. São eles:

TIQUETES - Firmino menciona fraudes na concessão de tickets-alimentação e vales-transporte. Segundo ele, servidores obtinham benefícios superiores ao limite máximo permitido (o equivalente a um terço do salário) e não pagavam a dívida.

PAGAMENTOS SUPERFATURADOS - Firms prestadoras de serviços, como gráficas, empresas contratadas e até produtoras de shows recebiam a mais por trabalhos não executados e devolviam parte do excedente para servidores da associação.

PAGAMENTOS SEM COMPROVANTE - Dinheiro saía da Asefe sem a devida contrapartida em notas fiscais ou recibos.

DESORGANIZAÇÃO CONTÁBIL - Firmino dá a entender que a contabilidade da Asefe é desorganizada, não existe prestação de contas, alguns setores da administração fazem o que bem entendem e que a presidência e a diretoria administrativa não se submetem à diretoria financeira, o que permitia fraudes.

CABIDE DE EMPREGO - A Asefe, segundo Firmino, foi usada como fonte de renda para cabos-eleitorais ligados a deputados distritais. Muitas vezes, esses funcionários sequer apareciam para trabalhar.

DEMISSÕES NEGOCIADAS - Ele relata a existência de um esquema de desvio de dinheiro que passava por um acordo feito com funcionários demitidos. Estes só recebiam a multa de 40% sobre o saldo do FGTS (pago em caso de demissão sem justa causa) se deixassem parte de dinheiro na associação.

RESTAURANTES - Não havia controle sobre a arrecadação e os gastos dos três restaurantes administrados pela Asefe até 1998.

Firmino revela, na conversa, que o dinheiro desviado para o financiamento de campanhas eleitorais saiu através desses esquemas de fraude.

TRECHOS DA GRAVAÇÃO

JOSÉ EUDES

Firmino (ao lado, na gravação) — Pra campanha do Eudes (José Eudes, do PT, ex-administrador regional de Ceilândia e atual presidente da Asefe) saiu R\$ 35.000 de tickets.
Pato — De tickets?
Firmino — De tickets, R\$ 30 mil e R\$ 45 mil em dinheiro.

LÚCIA CARVALHO

Pato — A Lúcia Carvalho, quanto que ela pegou nessa história?
Firmino — Cara, a Lúcia Carvalho pegou o seguinte, é, lá conosco, nas 3 negociações que ela fez, a Lúcia pegou uns R\$ 25 mil.
Pato — De quê?
Firmino — Pegou R\$ 10 em ticket e R\$ 15 em dinheiro, mas pegou mais com o Sérgio (Sérgio Rubens Ribeiro, do PCB, ex-presidente da Asefe).
Pato — Tem ideia de quanto?
Firmino — Eu acho que ela deve ter levado uns R\$ 20 mil de negociação.

AGNELO QUEIROZ

Pato — E o Agnelo? Quanto que saiu pra



Pato — E pro Trajano (Trajano Jardim, presidente do PCB, ex-administrador regional do Riacho Fundo), saiu quanto?
Firmino — Rapaz, o Trajano saiu R\$ 70 mil.
Pato — Em quê?
Firmino — Foi o mesmo que o Sérgio teve, que o Eudes teve.
Pato — Quanto?
Firmino — Foi R\$ 75: R\$ 45 em dinheiro e R\$ 30 em ticket.

campanha dele?
Firmino — Agnelo saiu, da primeira vez, saiu uma cota de cheques pré-datados, foi de R\$ 15 mil com a gráfica. Depois, saiu não lembro o valor que era, próximo de R\$ 10 mil.

TRAJANO JARDIM

A CONFISSÃO

Pato — O Agnelo saiu o quê? R\$ 70 mil? Ou aqueles esquemas ali?
Firmino — Não. Foi 70.
Pato — 70?
Firmino — Ah, sim, 75.
Pato — Você foi 75 também?
Firmino — Também.
Pato — Mais o quê? Ticket, dinheiro?
Firmino — Não. Só isso. Ticket e dinheiro.
Pato — E quem mais pegou?
Firmino — O Chico.
Pato — Chico Vigilante?
Firmino — O Chico Vigilante é um esquema com o Sérgio.
Pato — E o que que saiu pro Chico?
Firmino — Cara, saiu muita coisa.

CRISTOVAM

Pato — Quem mais de candidato pegou?
Firmino — Cristovam levou uns 200 paus lá com ele.
Pato — Em quê?
Firmino — Cristovam, em shows. Ficou tudo

acertado, aí o show foi superfaturado.

Pato — O show foi superfaturado como?
Firmino — Parece-me que o show era R\$ 80 mil, foi pago R\$ 120.
Pato — E foi mais o quê, ticket também?
Firmino — O resto, material gráfico.

WASNY DE ROURE

Pato — Alguém mais saiu com dinheiro para a campanha?
Firmino — Wasny (Wasny de Roure, deputado distrital do PT).
Pato — Wasny saiu o quê?
Firmino — Wasny saiu via Sérgio também. Saiu ticket e saiu material gráfico. Saiu dinheiro também.

ACORDO DO FGTS

Firmino — A Isabel (Isabel Portugal, ex-gerente de pessoal, hoje diretora do Sindicato dos Professores ligada a Lúcia Carvalho) tinha um esquema que era o seguinte: você me demitia de acordo, nós fazíamos um acordo entendeu? A Asefe te demite. Quando a Asefe te demite ela parece que paga multa de uns 40% por aí. Como era

acordo, a Asefe pagava a multa, mas você devolvia a multa em cheque para a Asefe.

FANTASMAS

Pato — E o esquema de contratação dela lá? Porque tinha muita gente que ela (Isabel) contratou.
Firmino — Aquilo ali era a Lúcia, rapaz. A Lúcia Carvalho e o Wasny era só ligar. Tinha dois funcionários fantasmas lá na Asefe que a Lúcia mandou, entendeu? Contratado via Isabel.
Pato — Fantasma?
Firmino — Fantasma.

TIQUETES

Firmino — Isabel (Isabel Portugal, ex-gerente de pessoal da Asefe) tinha um esquema mais de ticket. É o seguinte: só de ticket a Isabel recebeu mais de um lote para trocar em vales-transporte. Pra você ter uma ideia, o vale-transporte era o seguinte: ela pegava os vales-transporte e não dava pro pessoal, vendia os vales. Porque o chefe de Recursos Humanos é quem diz quanto é que você pode dar em vale-transporte.